

Uma Trajetória de Socialização Acadêmica com Alexandre Carrieri: Relato a Partir de uma Conversação Interna

Thiago Duarte Pimentel

Resumo

Este texto, concebido na forma de um relato pessoal, em primeira pessoa, relata a trajetória acadêmica pessoal do autor focalizando o período de sua formação inicial, bacharelado e mestrado, tomando como pano de fundo a sua socialização acadêmica, mais particularmente por meio de sua participação junto ao grupo de pesquisa NEOS – Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade, sob a orientação recebida de Alexandre Carrieri, entre 2003 e 2008, na Universidade Federal de Minas Gerais. Apesar de ser concebido de forma mais “livre” (ou assistemática), a trajetória narrada se fundamenta sociologicamente no conceito de “conversação interna”, proposto por Margaret Archer (2000), dentro de uma perspectiva realista crítica. A despeito de não visar sua aplicação de forma rigorosamente sistemática, o exercício proposto tem a intenção de funcionar, apenas heurísticamente, como um fio condutor que permite situar a agência humana (subjetivamente orientada) como produto de projetos pessoais elaborados e realizados em face dos contextos (objetivamente estruturados), com as restrições, constrangimentos e habilitações que se impõem seletiva e diferencialmente segundo os diferentes cursos de ação possíveis. No caso em tela, visa-se analisar a agência (e as práticas) realizadas, a partir dos projetos pessoais perseguidos em determinadas situações concretas. Este recurso narrativo autobiográfico tem uma finalidade maior, foi apenas um meio encontrado para – como uma boa conversação interna – permitir autoavaliar a participação e presença de um personagem significativamente importante em minha trajetória: Alexandre Carrieri. Ainda que as histórias, os projetos pessoais e os contextos possam ser distintos, acredita-se que, de certo modo, esta narrativa evidencia de forma minimamente objetiva características distintivas do mestre e, ao mesmo tempo, um pouco do contexto institucional (NEOS e UFMG), na fase inicial do processo de institucionalização de um quadro formador de recursos humanos, fruto do seu próprio projeto pessoal. Portanto, este texto tem o fim, ainda que por meios modestos, de render um tributo a Alexandre Carrieri e ao que o seu próprio projeto pessoal permitiu criar, impactando assim na agência de vários atores e gerações que cruzaram(ão) este contexto.

Palavras-chave Realismo Crítico. Conversação Interna. Reflexividade. Alexandre Carrieri.

Abstract

This text, conceived in the form of a personal first-person account, recounts the author's personal academic trajectory focusing on the period of his initial training, baccalaureate and masters, taking as a background his academic socialization, more particularly in terms of his participation in research with the NEOS Group – Center for Organizational Studies and Society, through the guidance received from Alexandre Carrieri, between 2003 and 2008, at the Federal University of Minas Gerais. Despite being conceived in a more “free” (or unsystematic) way, the narrated trajectory is sociologically grounded in the concept of “internal conversation”, proposed by Margaret Archer (2000), within a realistic critical perspective. Although not rigorously developed in methodological terms, the application of such a theory, the proposed exercise intends to function, only heuristically, as a guiding thread that allows to situate human agency (subjectively oriented) as the product of elaborate and accomplished personal projects in the face of contexts (objectively structured), with restrictions, constraints and qualifications that are imposed selectively and differentially according to the different possible courses of action. In the present case, the aim is to analyze the agency (and practices) carried out, based on the personal projects pursued in certain concrete situations. This autobiographical narrative resource has a greater purpose, it was only a means found for – as a good internal conversation – to allow self-assessment of the participation and presence of a significant character in my career: Alexandre Carrieri. Although stories, personal projects and contexts may be distinct, it is believed that, in a way, this narrative evidences in a minimally objective way distinctive characteristics of the master and, at the same time, a little of the institutional context (NEOS and UFMG), in the initial phase of the process of institutionalizing a human resources framework, as a result of his own personal project. Therefore, this text has the purpose, even by modest means, of rendering a tribute to what Carrieri's own personal project allowed to create, thus impacting on the agency of several actors and generations who have crossed this context.

Keywords Critical Realism. Internal Conversation. Reflexivity. Alexandre Carrieri.

PREÂMBULO

Este texto não é um artigo científico. Não busca alcançar validação científica por meio da apresentação de dados de pesquisa empírica embasados em um estudo rigorosamente metódico e sistemático. Tampouco desenvolve teorias, modelos ou mesmo novos conceitos a partir de um quadro teórico robusto, previamente testado e consolidado pela comunidade

científica. Ao invés disso, situa-se como um ensaio livre, mais precisamente um relato descritivo em primeira pessoa (ARCHER, 2007), metarreflexivo, sobre o processo de socialização pelo qual passei em minha formação acadêmica inicial, entre a graduação e o mestrado, utilizando como fio condutor a convivência com o professor e amigo Alexandre de Pádua Carrieri. Em particular, meu objetivo – ainda que dificilmente seja alcançado – será o de tentar sopesar a influência dele sobre a minha formação inicial e, em alguma medida, reconhecer as contribuições essenciais obtidas em minha trajetória, bem como destacar os méritos de um profissional de primeira grandeza.

Dentre as inúmeras opções possíveis para a realização deste relato – devido ao próprio cunho menos “formal”, ainda que não menos importante ou dedicado – lançarei mão da estratégia empreendida por Peter Berger (2011), denominada *ego-história*¹ a qual se dedica a narrar, de forma mais livre e fluida, os acontecimentos mais marcantes de uma biografia. Esta estratégia será usada com o duplo propósito de, por um lado, selecionar alguns dos eventos emblemáticos dentro do período analisado, e, de outro, apresentar as situações – ainda que em contextos estruturados – de forma mais casual (ou, como nas palavras de Berger, *without becoming a bore*) (BERGER, 2011). Ainda que outros prismas pudessem ser igualmente tomados como base para a condução desta narrativa, como, por exemplo, o do Carrieri amigo, ou ainda o do Carrieri como padrinho de casamento... – particularmente, ater-me-ei à nossa relação profissional, e mais especificamente acadêmica e de pesquisa, por meio da qual tive a oportunidade ímpar de realizar um investimento de capital intelectual *sui generis*, sobretudo, devido à visão social de pesquisa (e seu processo) cultivada no seio do grupo que ele animou deste a sua chegada à UFMG.

UM EXERCÍCIO DE CONVERSAÇÃO INTERNA

O que é uma conversação interna? Como bem contextualiza Vandenberghe (2016a, p. 95), na fase mais recente de sua trajetória intelectual, Margaret Archer começa a “trabalhar com temas situados na fronteira entre sociologia e psicologia”, adentrando no que poderia ser chamado de sociologia da mente, a partir de um raciocínio que “[...] reverte a perspectiva [da psicologia tradicional] e investiga como os grupos, sejam eles grandes ou pequenos, comportam-se no interior da mente individual.” Nela, a sociologia volta-se para seu interior e encontra a psique na interseção entre sociedade e indivíduo. Em sua visão, Archer embarca numa empreitada de compreender biografias individuais, tendo como unidade de análise uma vida e cujo foco reside em:

[...] entender como e porque os atores tomam as decisões que tomam e vivem as vidas que vivem. [...] e [...] compreender o presente dos sujeitos através da investigação de seus projeto futuros (sua factibilidade em um contexto corrente de restrições e oportunidades) [...]; ela confere destaque ao poder pessoal dos indivíduos e pensa as conversações internas como mecanismos que empoderam, esclarecem e auxiliam os indivíduos a tomar as decisões e a realizar seus sonhos em dadas circunstancias, ela enfatiza, acima de tudo, o poder duradouro da socialização (VANDENBERGHE, 2016a, p. 96).

Como uma das principais expoentes do movimento do realismo crítico, Archer combina uma ontologia social emergentista, com uma concepção estratificada da realidade e um modelo transformacional da ação social (VANDENBERGHE, 2016a), de forma muito própria e original, em um tipo de abordagem analítica realista social denominada análise morfogenética, a qual é desenvolvida e aplicada em três grandes domínios da realidade (natureza, cultura e sociedade) para analisar as propriedades emergentes e poderes causais da cultura, estrutura e agência humana (VANDENBERGHE, 2016a).

No entanto, segundo o autor, essa guinada interior não deve ser desconectada da sólida teoria realista que ela desenvolve sobre a agência e a estrutura. Ao contrário, “[...] a reflexividade irrompe para desatar o nó entre o *habitus* e o campo, abrindo a possibilidade de uma morfogênese dupla do *self* e da sociedade – uma mudança social significativa resultante de uma transformação em larga escala” (VANDENBERGHE, 2016a, p. 108). A reflexividade é o elo perdido no entendimento realista da interação entre estrutura e agência (ARCHER, 2016).

Archer (2016) conceitua a reflexividade como conversão interna, maneira pela qual, de forma reflexiva, perfazemos a nossa trajetória no mundo. A conversação interna executa esse papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade.

Por meio da reflexão e deliberação, os agentes ponderam sobre o que querem não só em sua vida, mas com sua vida, e as respostas diferenciadas que dão a estas questões existenciais possuem implicações para a reprodução e transformação da sociedade. Na modernidade tardia, a reflexividade torna-se um imperativo para todos (VANDENBERGHE, 2016a, p. 108).

Propondo desenvolver um aspecto subteorizado pelos realistas sociais, Archer reconhece que um aspecto importante da subjetividade é a reflexividade, através da qual as pessoas deliberam sobre si mesmas em relação às suas circunstâncias sociais. Em sua visão, a reflexividade é concebida como resposta para a questão de como o poder causal é mediado pela agência humana (ARCHER, 2016). Os poderes pessoais são exercidos através de um diálogo interno reflexivo, o qual opera no sentido de estabelecer nossas preocupações, definindo nossos projetos e, em última instância, nossas práticas na sociedade. “É a reflexividade agencial que medeia ativamente entre nossas circunstâncias estruturalmente moldadas e o que deliberadamente decidimos fazer delas” (ARCHER, 2016, p. 89).

Se um “agente ativo” depende do fato de que os indivíduos desenvolvem e definem suas preocupações últimas: os bens internos com os quais eles mais se importam e cuja constelação precisa responde pela sua singularidade concreta como pessoas (ARCHER, 2000, cap. 9). Ninguém pode ter uma preocupação ou anseio último sem fazer alguma coisa a respeito. Cada pessoa procura desenvolver um curso de ação concreto baseado na crença (falível) de que realizar tal projeto é realizar o anseio mesmo. Se tais cursos de ação são bem sucedidos, o que nunca pode ser tido como garantido, os grupos de preocupações de todas as pessoas, quando articulados, traduzem-se em um conjunto de práticas estabelecidas. Isso caracteriza o *modus vivendi* dessas pessoas. [...] Estes componentes podem ser apresentados resumidamente através da fórmula <Preocupações Proj-

tos Práticas> que todos os indivíduos tentam fazer funcionar. [...] Não há nada de heroico ou idealista nessa tentativa, porque as “preocupações” podem ser ignóbeis, os “projetos” ilegais e as “práticas” ilegítimas.” (ARCHER, 2016, p. 88-89 – itálicos no original).

A Conversação Interna e a busca da Boa Vida		
Definindo e articulando as próprias PREOCUPAÇÕES (Bens internos)	Desenvolvendo cursos de ação concretos ou PROJETOS (Micropolíticas)	Estabelecendo sustentáveis e satisfatórias PRÁTICAS (Modus videndi)

Fonte: Reproduzido de Archer (2016, p. 89).

Archer propõe quatro modos (tipos ideais) de reflexividade: fraturado, comunicativo, autônomo, metareflexivo. Enquanto o primeiro diz respeito a pessoas que não conseguem agir reflexivamente a fim de pôr em prática seus projetos, o segundo refere-se àqueles que têm como preocupação central o cultivo de laços afetivos (família, amigos etc.). Já os tipos autônomos são aqueles que realizam coisas no mundo (são pragmáticos, ativos, e geralmente focam no trabalho). Os últimos, por sua vez, são idealistas, comprometidos com causas “maiores” e dispostos a sacrificar tudo e a reorientar suas vidas em prol de seus ideais.

A DISCIPLINA DE FERNANDO COUTINHO E A CHEGADA ATÉ O CARRIERI

O contexto. Chegamos juntos à UFMG, em 2002. Ele por meio de um concurso para professor adjunto para o Departamento de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE), logo após o término de seu doutoramento, em 2001, no Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração (CEPEAD), da mesma instituição. Eu, como aluno recém ingressante no então (também recém-criado, à época) curso de Bacharelado em Turismo, no Instituto de Geociências.

Entretanto, nossos caminhos cruzaram-se um ano mais tarde, em 2003. Porém, isso só ocorreu, porque, no segundo semestre letivo de 2002, um professor catedrático em vias de se aposentar foi ministrar a disciplina (CAD034) de *Introdução à Administração* para aquela 1ª turma de turismo da UFMG. Seu nome era Fernando Coutinho Garcia. Ainda me lembro do primeiro dia de aula, numa manhã fria de inverno do início de agosto, um professor mais experiente – diferente do padrão usual dos professores que geralmente são designados para lecionar cursos introdutórios, sobretudo, em outras áreas que não as suas de origem – impecavelmente trajado e fumando seu cigarro em plena sala de aula, apresentando o curso e dizendo: “Todos os alunos serão aprovados, os brilhantes com 100 e os medíocres com 60”. Ninguém queria incorporar a carapuça de medíocre. Mais do que isso, aquele estímulo foi como uma sanção moral que me impeliu a levar o curso a sério (até então as disciplinas não tinham sido tão exigentes, seja pelo fato do curso ser novo e, portanto, em processo de ajuste; seja pelo fato de que os conteúdos até então não tivessem me despertado tanta atenção...). O fato é que, após esse “apelo” moral, ao me dedicar às leituras propostas na disciplina de introdução à administração e, em particular, ter tido a oportunidade de

assistir presencialmente às aulas proferidas pelo Professor Fernando Coutinho, com seu raciocínio brilhante, mas, ao mesmo tempo, crítico (às vezes, ácido) e, de certo modo, um pouco pessimista, fui cativado pela história do mundo do trabalho (e aí começou o meu projeto pessoal acadêmico).

A agência. Ao final do semestre, tomei coragem de me aproximar e perguntar ao professor como eu poderia fazer para continuar meus estudos sobre este tema – já que não era algo previsto na grade do meu curso de origem – e ele me respondeu que, como ele estava se aposentando, eu deveria procurar outros professores do CAD/FACE, em particular, me sugeriu três nomes, de três jovens professores que haviam recentemente se incorporado àquele departamento e que tinham muito potencial: Aureliano Bressan, Marcelo Bronzo e Alexandre Carrieri. No semestre seguinte, antes do período de matrículas, encontrava-me no antigo prédio da FACE (situado à Rua Curitiba, no centro do Belo Horizonte). Fui ao 10º andar, nos gabinetes dos professores e, já tendo em mãos o nome de quem lecionaria TAI (Teoria da Administração II), me dirigi à sala do Prof. Alexandre Carrieri – a qual, por sinal, era compartilhada com os outros dois professores supramencionados. Ao me apresentar, fui muito bem recebido – como mais tarde notaria, a empatia e o carisma eram atributos visíveis do Prof. Carrieri – e “aceito” para cursar a disciplina de TAI.

O RAPAZ DO “CANUDO” DE MAPAS... NA DISCIPLINA DE TAI

Foi assim que, durante o 1º semestre letivo de 2003, tive, de fato, a oportunidade de adentrar um novo contexto (que subseqüentemente habilitaria novas oportunidades ao projeto pessoal acadêmico inicialmente estabelecido) e interagir com o Prof. Alexandre Carrieri, inicialmente como seu aluno. Diferentemente do que estava habituado até então, as famosas “resenhas”, sempre temperadas pelo chamamento a um espírito crítico de levantar questões sobre os textos lidos, foram o primeiro mecanismo de socialização, o qual, mais tarde, eu viria a reconhecer com um elemento estruturante não só do processo de ensino-aprendizagem em geral, mas da minha formação acadêmica em particular. Tanto o hábito de ler, tomar notas, questionar o texto e redigir um texto próprio, sistematicamente, foram cruciais para a fixação de conteúdos, como também para o desenvolvimento do processo cognitivo de “aprender a pensar”. E foi precisamente por meio de uma dessas resenhas que, de fato, me aproximei do Professor Carrieri. Ao receber uma delas corrigida – ele sempre fornecia *feedback* aos alunos – estava escrito: “Ótimo trabalho! Vejo muita conversa com as teorias...”. A partir disso surgiu então um convite para trabalhar com ele em pesquisa.

COMO O ESTUDO DO MERCADO ME LEVOU À PESQUISA ACADÊMICA: O CASO UCJ

Minha inserção na pesquisa acadêmica começou no segundo semestre de 2003, ainda de maneira informal e voluntária, a partir de um processo de mapeamento e diagnóstico da UCJ (UFMG Consultoria Júnior), com um duplo propósito: por um lado, por um interesse pessoal, uma vez que, junto com um grupo de estudantes do curso de turismo, eu participei

da criação da Território Empresa Júnior de Turismo da UFMG. Naquele momento, devido ao pouco conhecimento que nós tínhamos sobre empresas júniores, de forma geral, senti a necessidade de me aprofundar neste assunto, o que foi propiciado pelo caminho “natural” de aproximação e *benchmarking* das principais empresas júniores da UFMG, em particular, e do MEJ (Movimento Empresa juniores), em geral. Devido à reputação e ao *know-how* já acumulado à época, pela UCJ, e à minha recente, então, aproximação aos estudos de administração, fui buscar mais conhecimento via contato com os membros da UCJ.

Por outro lado, o Prof. Carrieri havia sido convidado pelos estudantes da UCJ a orientar o processo de reestruturação daquela empresa. À época, a mesma enfrentava um momento de turbulência, em parte pelo processo natural de rotação dos membros, em parte pela necessidade de aprimoramento dos papéis e funções internas da empresa, devido a um processo disfuncional de sobreposição de papéis e interesses pessoais no seio de sua estrutura burocrática. Por uma feliz coincidência, me foi oportunizado, pelo Prof. Carrieri, meu primeiro trabalho de pesquisa: levantar, por meio de um conjunto de entrevistas com os integrantes da gestão anterior e com os membros da nova diretoria da empresa, dados sobre a dinâmica interna da mesma: não apenas os processos técnicos e burocráticos já institucionalizados, mas, principalmente – como ficou claro, pelo conteúdo das entrevistas realizadas –, a dinâmica das relações de poder entre os membros, o que se refletiu no processo sucessório e na (des)integração que se impunha em curso.

Tais dados, por sua vez, além de me proporcionarem um conhecimento aprofundado sobre o histórico do MEJ, o funcionamento da UCJ – desde técnicas de gestão em nível estratégico à divisão do processo de trabalho operacional – também contribuíram para a retroalimentação deste sistema social, por meio da devolução dos resultados, os quais foram apresentados, por mim e pelo orientador convidado da empresa, à cúpula diretora da UCJ. Tal piloto de pesquisa, mais tarde, ainda me renderia minha primeira publicação acadêmica em uma revista científica, assinada em coautoria, com aquele que seria meu orientador por 5 anos.

UMA GRANDE OPORTUNIDADE (DE APRENDIZADO EM CONJUNTO): O PROJETO FEIRA HIPPIE

No entanto, se o “piloto” do estudo clínico da UCJ foi uma pesquisa *ad hoc*, de certo modo espontânea, ela serviu para aguçar meu interesse pela prática científica, a qual se daria de maneira mais extensa e completa a partir de então. Começando pelo ponto de partida: a elaboração do projeto. A pesquisa formal, no entanto, não existia (ainda). Não que ele não tivesse feito pesquisas antes, mas porque, como ele também havia ingressado há pouco tempo na UFMG, seus projetos de pesquisa envolvendo alunos de iniciação científica estavam apenas por começar... Então, no final daquele ano de 2003, em dezembro, tive a grande oportunidade de participar, de forma conjunta e cooperativa, da elaboração de um projeto junto ao Prof. Carrieri. É claro que ele redigiu o projeto, o referencial teórico, método... e tudo, ou quase tudo. Eu me incumbi da pequena parte de caracterização do objeto, coleta de dados secundários e um pequeno texto, essencialmente descritivo. Porém, o fato da abertura

que me foi dada, de pensarmos junto o projeto, o qual teve o recorte em um objeto que precisamente atendesse ao interesse também do aluno (no caso, como eu era graduando do curso de turismo, buscamos encaixar na pesquisa um objeto que tivesse alguma vinculação com o turismo: Feira Híppie de Belo Horizonte), foi uma atitude reveladora do seu caráter e estímulo – como verificaria mais tarde – constante à autonomia dos alunos.

O GRAVADOR CASSETE E A PESQUISA DE CAMPO NA FEIRA HIPPIE

Esse projeto de pesquisa foi submetido pelo orientador e, como viria a ser a regra a partir de então, foi o primeiro de muitos aprovados. Em 2004, começamos a pesquisa da Feira Híppie, agora, eu na condição de bolsista de iniciação científica, financiada por meio de uma bolsa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e com um pequeno recurso financeiro para a execução da mesma. Foi neste projeto em que aprendi a fazer, de fato, pesquisa de campo. Compramos um gravador portátil (à época, de fita cassete) e, após a leitura do material teórico e das técnicas sobre como fazer pesquisa, fui ensinado a como realizar uma entrevista: desde técnicas sutis como formas de abordar, de conquistar a empatia, evitar frontalmente temas polêmicos e, ao invés disso, “comer pelas beiradas”, até a necessária poda do entrevistado em momentos de proximidade, recobrando assim o fio condutor da entrevista. Nada mais apropriado de se apreender com quem tinha a experiência tácita no assunto, verificada por uma centena de entrevistas de sua tese de doutorado (CARRIERI, 2001; 2002).

O aprendizado ímpar conquistado pela participação na pesquisa da Feira Híppie se seguiu por meio do aperfeiçoamento mais “técnico”, mais metodologicamente fundamentado (talvez ainda não se pudesse falar com clareza, pelo menos de minha parte, em termos teóricos, embora houvesse um tateamento quanto ao estabelecimento de uma noção teórica que enquadrasse a pesquisa em termos de um objeto empírico: espaços de práticas comuns/ordinárias e contra-hegemônicas à literatura especializada do *mainstream* funcionalista da administração).

A despeito de suas críticas a todos os modelos e “receitas de bolo” que tendiam a unidimensionalizar a pluralidade do social na administração, a partir de então, seguiu-se a continuidade da aplicação daquela fórmula de sucesso inicialmente usada: orientador empreendedor + tema de pesquisa privilegiando espaços e atores marginais + um objeto de pesquisa icônico, em várias camadas (histórica, cultural e turisticamente) + um orientando entusiasmado pela recém descoberta de sua “vocação”, sedento de aprendizado e incomumente dedicado à causa ciência = pesquisa de excelência (e premiada). Tal sequência deu-se em 2005 com o mesmo quadro teórico, agora, no entanto, aplicado aos Mercados Centrais de Belo Horizonte (Mercado Novo e o Velho). Além do aprendizado registrado na experiência tácita apreendida, alguns produtos materiais também fizeram-se impor como registros – pontos de passagem – nos rituais simbólicos da academia, dos quais três fatos, pelo menos, merecem destaque: a minha primeira participação no Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (EnANPAD), em Brasília, em 2005; e a primeira publicação de um artigo em uma revista científica; e a minha aprovação no mestrado acadêmico.

O esforço hercúleo (de montagem) e repetitivo (de revisão) das sucessivas versões da elaboração do artigo da Feira Hippie, submetido ao EnANPAD/2005, foi seguido pelo misto de ansiedade – à medida que o trabalho foi aprovado e data do evento se aproximava – e apreensão (pelo reconhecimento/autoconhecimento do desconhecimento profundo quanto mais eu me dedicava à leitura e preparação) somado à pressão dada pela presença de pessoas de peso na academia brasileira de administração na minha mesa (por exemplo, Tânia Fischer), no ato da minha primeira apresentação de trabalho científico. Vale ressaltar que, em tal evento, direcionado para o público de pós-graduação, era incomum a presença de estudantes de graduação como assistentes e mais ainda como apresentadores de trabalho. Porém, o encorajamento do orientador sempre foi um motivador e, ao mesmo tempo, um alento (assim como sua presença, e também do amigo e à época companheiro de pós-graduação e de grupo de pesquisa, Alfredo Rodrigues, ao meu lado no dia da apresentação) e segurança. Ainda que estivessem lá, fiz a apresentação sozinho: no começo, um pouco impressionado e desconfortado pelo “peso” da situação, colocado sobre os ombros de um aluno de graduação (nem sequer de administração, mas) em turismo, o que se manifestou na voz meio trêmula e embargada, mas que aos poucos foi se estabilizando, serenando e ganhando mais confiança. A imagem que circulava – pelo menos a que eu fazia em minha representação mental da academia brasileira de administração – era de uma comunidade altamente coesa, integrada e hierarquizada (o que, de certa forma, tinha um fundamento), bem *a la* socialização parsoniana.

Embora publicado em 2006, com dados de uma pesquisa de 2003, o artigo das Significações Culturais da UCJ foi talhado em 2005. Um dos reconhecimentos da pesquisa da Feira Hippie foi o prêmio (1º lugar na área de ciências sociais aplicadas), em 2004, e sua consequente aprovação como um dos trabalhos da UFMG (no caso, na área de ciências sociais aplicadas) para representar a instituição na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em julho de 2005, em Fortaleza (CE).

Em dezembro de 2005, eu concluí meu curso de bacharelado em turismo pela UFMG. Antes, porém, entre setembro e novembro daquele mesmo ano, prestei as provas para o mestrado acadêmico em administração, tendo sido aprovado em 2º lugar geral. O resultado do processo seletivo saíra na semana da minha apresentação de TCC (também orientado pelo Carrieri). Sobre o TCC, cumpre aqui mencionar que tentei aplicar uma discussão – supostamente à época original ao turismo, a partir do objeto do turismo de negócios, com dados de campo de uma pesquisa paralela à Feira Hippie, a Feira da Madrugada, em que se pretendia discutir a questão do que era o próprio turismo a partir da definição dos seus atores... Weber, é claro, foi um dos fios condutores.

O “TROPEIRINHO COM LINGUIÇA” DO MERCADO CENTRAL NOVO

À pesquisa da Feira Hippie, de 2004-2005, seguiu-se a dos Mercados Municipais de Belo Horizonte, em 2006-2007. Diferentemente do Antigo Mercado Central, o qual havia sido repaginado, tornado-se “*cult*” e objeto de consumo cultural e turístico da classe média alta, como uma forma de distinção social, através do acesso a produtos autênticos;

o Mercado Novo, por sua vez, era diferencialmente utilizado por grupos sociais e institucionalmente caracterizado por outro tipo de empreendimentos (distribuição de gêneros alimentícios básicos, restaurantes populares, pequenos negócios tradicionais como velas, carimbos e gráficas etc.), mas o mais visível era o tipo de público que ali circulava, desde os trabalhadores aos consumidores, o espaço parecia pertencer ao circuito inferior do capitalismo (SANTOS, 1978). Assim, como na feira, as práticas de gestão deste universo cultural em nada se assemelhavam ao que era ensinado pelos livros de administração e pelas escolas de negócios, os quais focavam em grandes empreendimentos, estratégias e gestores-heróis. No cotidiano dos pequenos negócios, a maioria familiares ou individuais, os gestores lidavam com desafios práticos de ordem mais material e imediata, com muita improvisação no lugar de estratégia, com baixa ou nenhuma tecnologia e com relações pessoais ao invés da formalidade e impessoalidade dos cargos e suas atribuições. Essa situação despertou-me a atenção para o problema das condições de vida (desenvolvimento) e como as pessoas lidavam com seu contexto de forma prática. Do ponto de vista teórico, isso acabou nos levando para a visão de estratégias como práticas sociais, e como também essas práticas eram socialmente construídas e variáveis.

Certa feita, enquanto fazíamos a pesquisa no Mercado Central Novo, fomos almoçar em um restaurante popular do Mercado Novo, Carrieri, outro bolsista e eu. A despeito do convite, jamais havia imaginado que ele aceitaria comer em um lugar tão simples e de um meio social limitado, não só fui surpreendido pelo fato dele ter ido, como também – e principalmente pela sua desenvoltura e empatia, sempre presente, demonstrada no trato social com o outro, mesmo em um contexto socialmente diferente do seu. A transposição de fronteiras sociais sempre foi uma marca característica sua que, de certo modo, fazia parecer natural o estranhamento para observar as distintas realidades por um outro prisma, e também, ao mesmo tempo, a facilidade de navegar nos símbolos do universo cultural distinto, sendo para ele quase espontâneo o processo de obtenção do *antropological blues*. Esta lição, nunca apreendida plenamente, sempre foi um desafio a ser transposto: a empatia com o outro e navegabilidade entre universos sociais e culturais assimétricos. A experiência quase etnográfica aqui mencionada é tão mais intensa conforme a distância social entre os universos transitados. Para mim, talvez tenha sido menos dissonante, uma vez que eu mesmo vim de um meio social mais popular, mas o indicador desta distância ficou mais claro, sobretudo, pelo contraste com a experiência tida pelo meu colega, o outro bolsista, quem nunca havia utilizado um meio de transporte público (ônibus) e muito menos adentrado num espaço social tão ordinário. Não sei quanto à experiência prévia do Carrieri, mas, a julgar pela sua facilidade de trânsito social, imagino que, pelo menos, a experiência tenha sido menos impactante do que a do Cláudio ou a minha, apesar dele frequentar um *milieu* social superior – o que mais uma vez reforçava minha admiração por sua habilidade de trânsito social.

O MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO E A PESQUISA DA FEIRA DO JUBILEU

A pesquisa da Feira Hippie levou à pesquisa do Mercado Central (Velho e Novo); esta, por sua vez, levou à dos mercados nas capitais da região sudeste do Brasil e também à pesquisa da Estrada Real, esta última um projeto guarda-chuva, o qual abrigava o subprojeto da Feira do Jubileu do Bom Jesus de Congonhas/MG, do qual tive a oportunidade de participar, contribuindo para o projeto mais amplo do grupo de pesquisa e, ao mesmo tempo, utilizando este objeto para a realização da minha pesquisa de dissertação de mestrado. Enquanto se assistia a um rápido crescimento do grupo de pesquisa animado pelo Carrieri, e sua institucionalização, através do aumento do número de participantes, de pesquisas e do escopo dos projetos, além, é claro, do vertiginoso número de produções científicas derivadas desses estudos; eu, do meu lado, respondia a este contexto, a partir da articulação de elementos em torno do projeto pessoal de aceder ao mestrado e dedicar-me à carreira acadêmica. Em parte, tal resposta veio por meio da pesquisa realizada na Feira do Jubileu em Congonhas.

Possivelmente, este foi o momento de maior liberdade deste período, uma vez que, conduzi o estudo de forma autônoma, sendo a primeira pesquisa que conduzi totalmente sozinho, o que, por um lado, me possibilitou diversos aprendizados: no ato de entrevistar, no planejamento da pesquisa, na adaptação e tradução dos termos conceituais em categorias analíticas e empíricas e, talvez o mais importante – pelo menos do que se seguiria para uma próxima fase em minha trajetória intelectual – e elaboração teórica: já que foi nesta ocasião em que propus uma leitura cruzada entre o espaço (dimensão material, concreta e objetiva da realidade) e a identidade social (dimensão simbólica, intangível e subjetiva da realidade).

Dizem que o mestrado é mais difícil do que o doutorado, em função da mudança de lógica mais abrupta e em menos tempo que se requer a operação de passagem de um discurso, de práticas e de uma visão de mundo da graduação (leia-se precária em termos de alfabetização científica) para a da pós-graduação (supostamente letrada cientificamente). No entanto, os condicionamentos estruturais que impingiram em meu contexto determinadas possibilidades, me foram mais habilitadores do que restritivos, na medida em que a experiência adquirida nos anos de iniciação científica me proporcionou mais ferramentas e um melhor preparo para lidar com os requisitos esperados na pós-graduação. O *habitus* acadêmico – em particular o do campo acadêmico da administração – foi devidamente assimilado durante minha socialização acadêmica, tanto que, no mestrado, quase todos os trabalhos finais de disciplina (inclusive de finanças) viraram publicações, mas, mais do que isso, a boa dose de pragmatismo inerente a qualquer um que circule no campo da administração me valeu, até hoje, a necessária e imprescindível ponderação de andar com a cabeça nas nuvens (das teorias, dos modelos e das possibilidades interpretativas), mas ter os pés firmemente plantados no chão (do empírico, do método e da realidade).

O FIM DE UM CICLO – PARA OS DOIS – A CONCLUSÃO DO MESTRADO E O CRESCIMENTO DO GRUPO NEOS

Enfim, em 28 de março de 2008, concluiu-se um ciclo, para mim e para ele. Para mim, com o término do mestrado, com a assimilação das mais importantes experiências de pesquisa a que tive acesso, e do fechamento de ciclo teórico, epistemológico e metodológico. Para ele, creio, o fechamento foi muito mais institucional, com a lógica de pesquisa artesanal, com a coordenação do trabalho em microescala e com a distância crítica que marca a tênue fronteira entre a autonomia e a determinação.

Como todo complexo de Édipo, cedo ou tarde, é hora de se afastar do pai e buscar seu próprio caminho, e foi isso que ocorreu quando saltei das perspectivas do pós-modernismo e do pós-estruturalismo que animavam o grupo para uma posição realista crítica. Independentemente do projeto pessoal que me conduziu à reflexão quanto aos limites – ontológicos, epistemológicos, teóricos, metodológicos, isso para não entrar nos políticos, éticos e sociais – daquelas perspectivas, em especial nas suas facetas mais radicalizadas (como o construcionismo social), o fato é que o manto paterno ainda mantém seus resquícios na análise do cotidiano, na visão dos atores e, sobretudo, no compromisso com uma leitura plural (a partir de múltiplos pontos de vista) e dinâmica da realidade.

Tendo cumprido meu papel numa certa fase do NEOS, enquanto eu me retirava de cena, o grupo se reorganizava em outra dinâmica, talvez mais radicalmente plural (como um bom discurso pós-moderno), estendendo o estudo dos espaços “marginais” da gestão para circos, ruas e cemitérios... mas também, por outro lado, muito mais institucionalizado, em termos de práticas, compromissos formais, métricas e produções. Enfim, a era da emergência artesanal da produção de conhecimento havia encerrado o seu ciclo ou, pelo menos, eu o meu naquele contexto. *À bientôt, maître-penseur!*

NOTAS

- 1 *Ego-história* (“*ego-histoire*”), segundo Berger, significa “[...] an account of the lecturer’s intellectual career—the issues he had dealt with, the people and adventures he had encountered on the way” (BERGER, 2011, p. 5).
- 2 Segundo Vandenberghe (2007), o RC é um movimento na filosofia e nas ciências humanas de caráter interdisciplinar e internacional, cuja formulação inicial e estabelecimento de suas principais teses se devem aos trabalhos de Roy Bhaskar e seu esforço de introduzir, ainda no início dos anos 1970, reflexões solidamente embasadas sobre a questão ontológica, tanto no domínio da filosofia quanto – na sua posterior transposição para – as ciências humanas” (PIMENTEL, 2014, p. 715).
- 3 Segundo Vandenberghe (2016a, p. 107), “Archer argumenta que sistemas culturais podem influenciar estruturas sociais e vice-versa, mas apenas de modo indireto e mediado, estruturando as situações de ação através de propriedades restritivas e habilitadoras. A força destas propriedades depende, objetivamente, da posição social dos agentes e, subjetivamente, dos seus projetos, os dois ligados até certo ponto ao que Bourdieu chamaria de ‘a causalidade do provável’, que ajusta projetos a possibilidades. Conforme indivíduos e grupos se engajam em ações situadas para defender seus interesses e levar a cabo seus projetos, eles reproduzem

ou transformam as condições estruturais e culturais que impingem sobre eles, mas, no processo, são eles mesmos transformados de agentes involuntariamente posicionados em atores sociais e pessoas individuais (dupla morfogênese) [...]”.

- 4 Departamento de Ciências Administrativas (CAD) da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE).
- 5 Bom, este foi o elemento formal. Todavia, não sei bem ao certo se foi a resenha ou meu porta-mapas, o que chamou a sua atenção. O fato é que, enquanto eu levava o meu porta-mapas, entre as aulas de cartografia no ICG e as aulas de teorias da administração na FACE, o rapaz do “canudo” – como ele me chamava –, talvez pelo caráter exótico ou talvez pela capacidade de lidar com as discussões do mundo do trabalho e com os *layers* do ArcGIS (*software* desenvolvido para tratar de um sistema de informações geográficas), foi percebido como um possível interlocutor e convidado enquanto compartilhava o elevador para ir à aula de TAIL. A preocupação com os estratos da realidade, em sua conjunção com às organizações, ganhou azo, mais tarde, em minha preocupação pelos estratos da realidade social, a partir de uma perspectiva realista crítica.
- 6 MERTON, R. K. Estrutura Burocrática e Personalidade. In: MERTON, R. K. **Sociologia: Teoria e Estrutura**. São Paulo: Editora Mestre JOU, 1970. (Cap.VIII, pp.271-284).
- 7 CARRIERI, A. P.; PIMENTEL, T. D. Significações culturais: um estudo de caso da UFMG Consultoria Júnior. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 137-166, set./dez. 2006.
- 8 Estratégias Delineadas na Construção das Identidades em Organizações Familiares: um estudo dos expositores da “Feira Hippie” de Belo Horizonte/MG.
- 9 Estratégias Delineadas na Construção das Identidades em Organizações Familiares: um estudo dos comerciantes da Feira Hippie e dos Mercados Centrais de Belo Horizonte.
- 10 “Estratégias Delineadas na Construção de Identidades em Organizações Familiares: um estudo de caso dos expositores da “Feira Hippie” de Belo Horizonte” e “Estratégias Delineadas na Construção das Identidades em Organizações Familiares: um estudo dos comerciantes dos Mercados Centrais de Belo Horizonte”, tendo seus trabalhos sido selecionados e premiados como um dos melhores trabalhos apresentados na área de Ciências Sociais Aplicadas da XIII e XIV Semanas de Iniciação à Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, e também pela Pró-Reitoria de Pesquisa PRPq/UFMG para representar a UFMG, na área de Ciências Sociais Aplicadas, na XII Jornada Nacional de Iniciação Científica/57ª Semana Brasileira de Progresso da Ciência na Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza, nos dias 17 a 22 de julho de 2005 e em Florianópolis (SC) em julho de 2006, respectivamente.
- 11 “Por *anthropological blues* se quer cobrir e descobrir, de um modo mais sistemático, os aspectos interpretativos do ofício de etnólogo. Trata-se de incorporar no campo mesmo das rotinas oficiais, já legitimadas como parte do treinamento do antropólogo, aqueles aspectos *extraordinários*, sempre prontos a emergir em todo relacionamento humano” (DAMATTA, 1978, p. 27) [portanto] “[...] vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) *transformar o exótico no familiar* e/ou (b) *transformar o familiar em exótico*” (DAMATTA, 1978, p. 28 – itálicos no original). Para uma exemplar tradução e aplicação do conceito na administração, cf. Sá (2006), sobre a reflexividade inerente ao processo, fora de uma perspectiva realista crítica, cf. Sá e Mello (2012).
- 12 As Representações Sociais e a (Re) Construção das Identidades em Organizações Familiares: um estudo dos mercados municipais nas capitais da Região Sudeste (2006-2008).
- 13 Transformações identitárias e estratégicas na Feira do Jubileu do Bom Jesus (subprojeto do

Edital Universal do CNPq: Projeto Integrado Estrada Real: a Institucionalização do Roteiro Turístico Estrada Real e as Estratégias Construídas pelos Atores Sociais e Organizacionais Envolvidos).

- 14 Modelo este, cuja síntese apareceria mais tarde, em uma publicação conjunta com o orientador, cf. Pimentel e Carrieri (2011).
- 15 Como uma herança de sua orientadora de doutorado, que se mudou para a Inglaterra, Carrieri assumiu o seu ex-grupo de pesquisa, o GGI (Grupo de Gestão Internacional) e radicalmente o reinventou como NEOS (Núcleo de Estudos em Organizações e Simbolismos), passando a estudar espaços marginais, de forma crítica, subjetiva e plural, dando voz ao “chão de fábrica”, mostrando que eles também têm micro estratégias – ou melhor, usam táticas para lidar com obstáculos do cotidiano, já que não possuem o domínio de um próprio (cf. Certeau, M. **A Invenção do Cotidiano**. 2 vol. Vozes, 1974). O nome do grupo, bem como seu conteúdo, foi, após a minha saída, novamente atualizado para Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS).

REFERÊNCIAS

ARCHER, M. S. Explicação e compreensão podem ser ligadas em uma história única? In: VANDENBERGHE, F.; VÉRAN, J.-F. (Org.). **Além do habitus**: teoria social pós-bourdieusiana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 73-94.

ARCHER, M. S. The trajectory of the morphogenetic approach: an account in the first person. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 54, p. 35-47, 2007.

ARCHER, M. S. **Being human**: the problem of agency. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

BERGER, P. L. **Adventures of an accidental sociologist**: how to explain the world without becoming a bore. Amherst: Prometheus Books, 2011.

CARRIERI, A. P. A transformação das identidades em uma empresa de telecomunicações antes e depois de sua privatização: um estudo de metáforas. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 9, n. 23, p. 13-35, jan./abr. 2002.

CARRIERI, A. P. **O fim do “Mundo Telemig”**: a transformação das significações culturais em uma empresa de telecomunicações. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

CARRIERI, A. P.; PIMENTEL, T. D. Significações culturais: um estudo de caso da UFMG Consultoria Júnior. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 137-166, set./dez. 2006.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. 2 vol. Vozes, 1974.

DAMATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E. O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

ELIAS, N. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

MERTON, R. K. Estrutura Burocrática e Personalidade. In: MERTON, R. K. **Sociologia: Teoria e Estrutura**. São Paulo: Editora Mestre JGU, 1970. (Cap.VIII, pp.271-284).

PIMENTEL, T. D. Realismo crítico nos estudos organizacionais: notas introdutórias sobre seus fundamentos filosóficos. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 710-763, dez. 2014.

PIMENTEL, T. D.; CARRIERI, A. P. A espacialidade na construção da identidade. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-21, mar. 2011.

PIMENTEL, T. D.; CARRIERI, A. P.; LEITE-DA-SILVA, A. R.; ABATE JÚNIOR, C. B. De woodstock mineira a camelódromo: percurso semântico da transformação de identidade em uma feira. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29, Brasília, 2005. **Anais...** Brasília: ANPAD, 2005.

PIMENTEL, T. D.; SOARES, A. S.; LIMA, G. C. O.; MENDONÇA, M. C. N.; LEITE-DA-SILVA, A. R. A (des)construção institucional do Mercado Central de Belo Horizonte. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30, Rio de Janeiro, 2006. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

SÁ, M. G. Podemos ouvir Anthropological Blues na pesquisa em administração? In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30, Rio de Janeiro, 2006. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

SÁ, M. G.; MELLO, S. C. B. Reflexividade e articulação empreendedora na sociedade contemporânea: podemos fazer diferente? **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, p. 249-270, jan./fev. 2012.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

VANDENBERGHE, F. A sociologia na escala individual: Margaret Archer e Bernard Lahire. In: VANDENBERGHE, F.; VÉRAN, J.-F. (Org.). **Além dos habitus**: teoria social pós-bourdiesiana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016a. p. 95-126.

VANDENBERGHE, F. Os pós-bourdiesianos: retrato de uma família disfuncional. In: VANDENBERGHE, F.; VÉRAN, J.-F. (Org.). **Além dos habitus**: teoria social pós-bourdiesiana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016b. p. 27-38.

VANDENBERGHE, F. Une ontologie realiste pour la sociologie: système, morphogenèse et collectifs. **Social Science Information**, Londres, v. 46, n. 3, p. 487-542, set. 2007.

**Thiago Duarte
Pimentel**

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora.
Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora.